

Imagens de corpos celestes e a arte dos emblemas na decoração de espaços jesuíticos da Amazônia à Argentina



Renata Maria de Almeida Martins

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) Projeto Jovem Pesquisador FAPESP/FAUUSP, Barroco Cifrado, nº 2015/23222-4, Brasil

Resumo

Sabemos que a representação de corpos astrais teve muita fortuna na iconografia da arte latino-americana. Nas missões jesuíticas da América Portuguesa, o sol, a lua e as estrelas, em diferentes programas iconográficos, estão representados, por exemplo, na decoração pictórica com emblemas dos tetos das sacristias das igrejas dos colégios de Belém e de Vigia no Pará (século XVIII), como também nos retábulos pintados da capela de São Miguel em São Paulo (século XVII). Já em São Luís do Maranhão, também o sol, a lua e as estrelas, juntamente com outros emblemas marianos, decoram os arcos do retábulo da antiga igreja jesuítica de Nossa Senhora da Luz (século XVII). Na Argentina, emblemas esculpidos em madeira policromada, retirados do *L' Imago Primi Saeculis*, livro editado na Antuérpia em comemoração ao primeiro centenário da Companhia de Jesus (1640), adornam as paredes da nave e a capela doméstica da igreja de Córdoba (século XVII). Houve assim migrações de símbolos e de imagens, atravessando oceanos, através dos livros ilustrados e da cultura de tradição emblemática. Importa, então, analisar como tais elementos, pintados e esculpidos por outras mãos, com outras técnicas e materiais, foram reinterpretados, reelaborados, para na Amazônia portuguesa ou em Córdoba na Argentina decorarem de céu enluzado, estrelado e ensolarado, as igrejas da Companhia.

Palavras-chave

Corpos Astrais
Emblemas
Missões Jesuíticas

Images of Celestial Bodies and the Art of Emblems in the Decoration of Jesuit Spaces from the Amazon to Argentina

Abstract

The representation of astral bodies had good fortune in the iconography of Latin American art. In the Jesuit missions of Portuguese America, the sun, the moon and the stars, in different iconographic programs are represented, for example, by the pictorial decoration of emblems on the ceilings of the sacristies of the school churches of Belém and Vigia in Pará (eighteenth century), as well as in the painted altarpieces in the São

Keywords

Astral Bodies
Emblems
Jesuit Missions

Miguel Chapel in São Paulo (seventeenth century). In São Luís, the sun, the moon and the stars, along with other Marian emblems also adorn the arches of the seventeenth-century altarpiece of the Jesuit church of Nossa Senhora da Luz. In Argentina, emblems carved in polychrome wood, taken from *L'Imago Primi Saeculis*, a book published in Antwerp in celebration of the first centenary of the Society of Jesus (1640), decorate the walls of the nave and the private chapel of the Jesuit church of Córdoba (seventeenth century). Thus, migrations of symbols and images took place, crossing oceans, through illustrated books and the culture of emblematic tradition. It is important, then, to analyze how these elements, painted and sculpted by other hands, with other techniques and materials were reinterpreted and reworked so that in the Portuguese Amazon or in Cordoba in Argentina, the churches of the Company can be decorated with moonlit, starry and sunny skies.

Introdução

Nas artes das Missões jesuíticas da América Portuguesa, o sol, a lua e as estrelas, em diferentes programas iconográficos, estão representados na decoração pictórica com emblemas dos tetos das sacristias das igrejas dos colégios de Belém e de Vigia no Pará (século XVIII), como também nos retábulos pintados da capela de São Miguel Paulista em São Paulo (século XVII). Já em São Luís do Maranhão, o sol, a lua e as estrelas, juntamente com outros emblemas marianos, decoram o arco do retábulo seiscentista da antiga igreja jesuítica de Nossa Senhora da Luz (século XVII), desenhado pelo luxemburguês João Felipe Bettendorff, e entalhado por um português, Manoel Mansos, e por um índio do Maranhão de nome Francisco.

Na Argentina, emblemas retirados do livro *L'Imago Primi Saeculis*, editado na Antuérpia em comemoração ao primeiro centenário da Companhia de Jesus (1640), adornam as paredes e a capela doméstica da igreja jesuítica de Córdoba (século XVII). Muitos destes emblemas tomam como tema os corpos astrais.

Sabemos também que desde a primeira edição dos *Exercícios Espirituais* (1549) de Santo Inácio, o monograma da Companhia, o símbolo “IHS”, está rodeado de raios solares, cujo modelo se repetirá incansavelmente para identificar obras literárias e artísticas da Companhia ao redor do mundo.

Haveria nos documentos, portanto, alguma indicação acerca de uma certa predileção pelo uso de imagens dos corpos celestes nas artes da Companhia? Os modelos retirados dos livros de emblemas europeus, desde o *Emblemata* do milanês Andrea Alciati (1531) até os inúmeros livros produzidos pelos próprios jesuítas nos mais diversos idiomas, agora adaptados e transplantados à realidade americana pelos cinzéis e pincéis de jesuítas, índios, negros e mestiços, dialogariam com este novo contexto missionário de terras e gentes “selvagens” a serem evangelizadas e conquistadas? O que conhecemos acerca de alguns dos livros de emblemas que compunham as bibliotecas jesuíticas na América portuguesa, que poderiam colaborar para compreendermos a escolha pelo tema do sol, da lua e das estrelas no Pará, no Maranhão, em São Paulo? No livro de emblemas *Mundus Symbolicus* de Filippo Picinelli, presente tanto no manuscrito do inventário da biblioteca do colégio da Madre de Deus em Vigia, quanto na Biblioteca daquele que foi o antigo colégio do Rio de Janeiro, o *Libro I* é totalmente dedicado aos corpos celestes (Picinelli 1997).

A obra *La Philosophie des Images Enigmatiques*, publicada em Paris no ano de 1694, de autoria do jesuíta Claude-François Menestrier (1631-1705), também traz um detalhado repertório temático para os emblemas, advindo principalmente da

cosmografia (Insolera 2004, p. 49). O livro *Philosophie des Images*, como também *L'Art des Emblemes*, obra publicada em Lyon em 1662, faziam parte da coleção de Diogo Barbosa Machado, hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.¹

A representação dos astros celestes, que sabemos teve tanta fortuna na iconografia da arte latino-americana em geral, foi tratada por importantes autores como, por exemplo, pela boliviana Teresa Gisbert em *Iconografía y Mitos Indígenas en el Arte* (1980), em capítulo sob o título *La Representación de los Astros*; e mais recentemente, em *The Andean Hybrid Baroque: Convergent Cultures in the Churches of Colonial Peru* (2010), no qual Gauvin Alexander Bailey apresenta um amplo repertório dos principais motivos utilizados na decoração das fachadas das igrejas barrocas andinas, entre eles os corpos astrais (Bailey, 2010, pp. 307-311).

Da mesma forma, embora ainda muito distantes de responder todas aquelas perguntas colocadas anteriormente, acreditamos importante, não só quanto às questões de caráter especificamente iconográfico, mas também quanto à utilização e à circulação de livros de emblemas no território sul-americano, estudarmos algumas obras artísticas remanescentes das missões jesuíticas, a partir de uma observação mais focada e apurada sobre o emprego dos astros celestes, nelas tão evidentes.

La Compagnia sia come un cielo ... e os emblemas de corpos astrais na América do Sul

*La Compagnia sia, come un cielo, in cui si trova perfetta subordinatione di tutti quei globi (...) Non si può negare, Padri, e Fratelli miei dilettezzissimi, che noi non siamo qui posti in un bello e mistico Coelo, nel quale l'Aurora è la Compagnia nostra madre: il Sole nostro Padre nostro Santo Ignatio: le Stelle, tanti, e tanti fratelli nostri presenti, e passati, ne i quali risplende ogni virtù, e perfetione ...*²

No trecho declarado pelo *Pe. Generale Muzio Vitelleschi*, na Epístola de 15 de novembro de 1639, pela proclamação do chamado *Anno Giubilare*, em motivo do primeiro centenário de fundação da Companhia, o então *Generale* diz que não se pode negar que fazer parte da Ordem dos jesuítas, é como estar em um belo e místico céu, onde a aurora é a Companhia, o sol é Santo Inácio, e as muitas e muitas estrelas são os jesuítas do presente e do passado: que a Companhia seja, portanto, como um céu.

No frontispício do mais importante e conhecido livro de emblemas produzido pela Companhia de Jesus, *L'Imago Primi Saeculi* (1640), elaborado por jesuítas do colégio da Antuérpia, também em razão da comemoração do primeiro centenário da Ordem; encontramos seis emblemas, os quais dois fazem referência direta ao sol, dois à lua, um ao eclipse, e o outro emblema a uma das constelações do Zodíaco (Leão).

Utilizando como claro modelo o *Imago Primi Saeculi*, são os emblemas que decoram a igreja da Companhia de Jesus em Córdoba na Argentina (século XVII) (Barbieri, 2003). Os cinquenta emblemas entalhados em madeira policromada e dourada estão localizados à dez metros de altura, decorando em alternância com outras mais cinquenta pinturas, todo o perímetro da Igreja jesuítica de Córdoba. Quarenta e oito estão na igreja, e dois decoram a capela doméstica.

Como observou Barbieri, na Igreja de Córdoba temos, por exemplo, um emblema que copia exatamente a figura do “Emblema I” do frontispício do *Imago Primi Saeculis*, e outro emblema que se utiliza da mesma inscrição: *Omnia Solis Habet* [tudo recebe do sol], porém com a figura retirada do “Emblema II” do *Imago*. Neste

1. 'Menestrier, *Art des Emblemes*, Paris, 1684', e 'Menestrier, *Philosophia imaginum*, Amsteld, 1695'. O *Art des Emblemes* não foi localizado na Biblioteca Nacional, e o *Philosophia imaginum*, está assim catalogado: BNR: 189, 4, 9. Cf. *Catálogo da Coleção Diogo Barbosa Machado*, fl. 75 vo., cf. Sobral, 2008, p. 167.

2. "Pe. Generale Muzio Vitelleschi, nell'Epistola del 15 novembre 1639 di proclamação del anno giubilare per il primo centenário della Compagnia" (Insolera, 2004, p. 111, n.7).

mesmo emblema de Córdoba, a moldura ornamentada com *grotesche*, foi copiada do “Emblema LIb” (51b) que compõe as tábuas de Emblemas do *Imago*. Nota-se, portanto, que houve na composição do Emblema *Omnia Solis Habet*, uma fusão de elementos de distintos emblemas do *Imago*, artifício que também ocorreu em outros emblemas cordobeses.

De acordo com Lydia Salviucci Insolera (2004, 120, n.7) em relação aos corpos celestes, dos cento e vinte e cinco emblemas das tábuas do *Imago Primi Saeculi*, três emblemas trazem as constelações zodiacais, três representam o globo terrestre, e um emblema traz o firmamento estrelado. A autora, porém, destaca que na obra o sol resplandecente é que brilha como protagonista, iluminando diferentes cenas e figuras. Ainda segundo Lydia Insolera, a ideia da Companhia de Jesus que se propaga pelo mundo afora, vai ser relacionada à imagem do sol que ilumina com múltiplos raios o globo terrestre, aparecendo, por exemplo, no *Imago Primi Saeculis* no emblema de *motto*, *Non Est Qui Se Abscondat a Calore Eius* [não há quem se esconda do seu calor, Salmo 18, 7].

Bem distante de Córdoba, na Amazônia de domínio português, o teto da sacristia da igreja jesuítica de São Francisco Xavier (século XVIII) em Belém do Pará, também é decorado com emblemas. Seus motes e figuras parecem pertencer a fontes diversas combinadas de forma original. Em um dos quatro emblemas ali pintados, encontra-se uma imagem em que o sol resplandece em oposição às trevas [figura 1]. Pássaros negros são repelidos pela luz do sol, retornando à escuridão. No mote se lê: *Fugat Ut Fulget* [afugenta ao brilhar]. Considerando o conjunto, e mais o emblema central (que deveria conter o monograma da Companhia, IHS), não é difícil perceber que o programa iconográfico da pintura da sacristia é dedicado ao nome de Jesus Cristo. O sol, portanto, evoca o nome de Jesus, inclusive na inscrição contida em uma faixa, colocada próxima ao emblema, com o dizer *Nomen Terribile*, [nome terrível].



Figura 1. Emblema de mote “Fugat Ut Fulget”. Pintura do teto da sacristia da Igreja jesuítica de Belém (Foto: R. Martins, 2008).

O tema luz-trevas sempre foi bastante explorado na emblemática moral e religiosa, mas como estes emblemas poderiam dialogar com o ambiente encontrado

pelos missionários jesuítas europeus na Amazônia do século XVIII? A imagem do emblema é suscetível de uma interpretação literal, de uma alegórica, como figura moral, que pode motivar associações com os mais variados contextos. O jesuíta João Daniel, por exemplo, na obra *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, vai relacionar a escuridão às atividades feitas, “às escondidas”, pelos *pajés* (espécie de médico, curandeiro; chamados pelos jesuítas de *pajés aibas*, ou seja, *pajés maus*), dizendo:

Têm estes as suas choupanas, ou casas, no mato retiradas, e escondidas; para quem nem os mais vejam, o que fazem, nem possam ser vistas, ou vir à notícia dos missionários; e nelas são visitados dos mais, são muito escuras; porque não querem ser vistos; e porque *Qui Male Agit, Odit Lucem* [“Quem age mal, odeia a luz”, João 3, 20] (Daniel 2004, p. 339, n.40).

O emblema de acordo com o jesuíta Claude Menestrier, “È un spazio d` insegnamento messo in immagine” (Menestrier *apud* Insolera 2004, p.49, n.7), e portanto, deveria ensinar e falar aos missionários jesuítas sobre a dura realidade que enfrentavam na América. Sobre as qualidades didáticas dos emblemas nas Missões Jesuíticas, citamos ainda Mário Praz: “*Gracias as sus cualidades didácticas los emblemas se convirtieron en una de las armas de propaganda favoritas de la Compañía de Jesus ...*” (Praz, 2005, p. 196), pois, “*estimulada a través de las imágenes, la meditación estaba calculada para preparar las almas de los novicios frente a las terribiles pruebas que les aguardaban en sus misiones entre los paganos ...*” (*Ibidem*, p.197).

No Livro de Emblemas, *Symbolographia Sive de Arte Symbolica Sermones Septem*, de autoria do jesuíta Jacopo Boschio, publicado em 1701 em Augsburg, e dividido em tábuas com doze emblemas cada, encontramos algumas correspondências com os emblemas da sacristia de Belém, seja pela semelhança de algumas figuras encontradas (muitas com pássaros negros), ou ainda pelo conceito revelados nos seus motes. Atraiu a nossa atenção, no *Index Figurarum et Lemmatum* do livro de Boschio, a grande quantidade de chamadas para emblemas contendo o sol, as estrelas, e em menor número, a lua. O emblema de número 446, tem o seguinte mote: *Affulget Et Fugat* [brilha e afugenta]. Na figura está retratada a aurora e, como no emblema de mote *Fugat Ut Fulget* [afugenta ao brilhar] pintado na sacristia de Belém, o nascer do sol é novamente implacável. A representação da aurora poderia ser associada, como foi dito, à própria Companhia de Jesus e à sua ação de evangelização no mundo.

O sol resplandecente, a lua, e as estrelas, segundo estudos do jesuíta Heinrich Pfeiffer sobre a iconografia da Ordem (Pfeiffer, 2003, pp. 169-206), teriam sido representados em um selo da Companhia em Roma, feito ainda sob a supervisão de Santo Inácio: o IHS —tradicional monograma da Companhia— envolto pelos raios de sol, com a lua em lugar dos tradicionais três cravos da crucificação, acompanhada simetricamente por duas estrelas. “*Jesus es el sol de la justicia en el libro de Malaquías (3, 20)*”; Pfeiffer conclui, explicando:

Si Jesús es el sol, la luna puede significar solamente María, y las estrellas, los santos. En otras palabras, el sello queria decir que la Compañía de Jesús reflejaba de alguna manera toda la Iglesia triunfante en el cielo, donde Jesús es el verdadero sol, María la verdadera luna y los santos las estrellas (Pfeiffer, 2003, p.171, n.63).

Pfeiffer descreve a forma dos raios do sol na vinheta original da Companhia (que, como dissemos, é a mesma desde a primeira impressão dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola em 1549), como sendo raios triangulares e retos, em alternância com outros ondulados. Tais raios são semelhantes àqueles encontrados nos retábulos

pintados, recém-revelados durante a restauração da capela de São Miguel Arcanjo em São Paulo (século XVII). Nestas obras a representação do sol aparece na parte interna dos arcos e, no fundo dos nichos, como uma espécie de resplendores emoldurando as imagens dos santos. Como verificamos, o sol também foi representado com a mesma forma no *Mondo Simbolico* de Picinelli, por exemplo, no emblema de mote *Toglie Il Lume Col Lume* [apaga a luz com sua luz].

Ainda cabe acrescentar que a etimologia do nome de Ignacio (Ignacio, derivaria de *ignis* ou seja, fogo), foi muitas vezes utilizada como jogo de palavras nos livros de emblemas, como ressaltou Lydia Insolera (2004, p.135, n.7). Um exemplo é o emblema (*Impresa CVIII per S. Ignatio Confessore, e Fondatore della Compagnia di Gesù*) dedicado à Santo Inácio de Loyola, em *Delle Sacre Imprese*,³ um livro de emblemas publicado entre 1615 e 1635 em sete volumes, de autoria do então Bispo de Tortona, Paolo Aresi. O emblema tem o título de *Specchio Fiammeggiante* [espelho flamejante], e contem o mote *Exardescet Ignis* [o sol incendeia], sendo coroado com o monograma da Companhia de Jesus (com a cruz e os três cravos), “inflamado, flamejante”, dentro do sol, que está representado com aqueles mesmos tipos de raios, que se alternam entre triangulares e curvos.

3. *Impresa CVIII per S. Ignatio Confessore, e Fondatore della Compagnia di Gesù*. In: Aresi, P. *Delle Sacre Imprese. Libro Quattro, Volume Secondo*. (Tortona).

Também com o tema do sol, da lua e das estrelas, foram elaborados os emblemas do teto da sacristia da igreja da casa-colégio da Madre de Deus em Vigia no Pará [figura 2]. Porém, desta vez, o programa iconográfico foi totalmente dedicado à Virgem Maria. A alusão à figura da mãe do Redentor está presente não somente na pintura emblemática do seu teto, mas também nos painéis com a vida de Nossa Senhora que ornamentam as paredes e o retábulo.



Figura 2. Pintura do teto da sacristia da Igreja da Casa-Colégio da Madre de Deus em Vigia no Pará com emblemas marianos, de motes *Electa Ut Sol* (Eleita como o sol); *Pulchra Ut Luna* (Bela como a lua); *Stella Mattutina* (Estrela da Manhã) e *Stella Maris* (Estrela do Mar) (foto: R. Martins, 2008).



Figura 3. Emblema mariano, “Stella Maris”. Detalhe da pintura do teto da sacristia da antiga igreja jesuítica da Casa-Colégio da Madre de Deus em Vigia no Pará. Século XVIII (foto: R. Martins, 2008).

Na pintura em caixotões do teto da sacristia da igreja jesuítica de Vigia estão representados quatro emblemas. A interpretação das figuras e motes são de bem mais fácil leitura do que a da igreja de Belém, visto que são as conhecidas inscrições que acompanham os emblemas marianos: *Electa Ut Sol* [Eleita como o sol], *Pulchra Ut Luna* [Bela como a Lua], *Stella Maris* [Estrela do Mar], *Stella Mattutina* [Estrela da Manhã]. Segundo Sebastián, Monterrosa e Terán, este tema viria desde o século XV, onde em diversas imagens a Virgem aparece rodeada de símbolos, alegorias e inscrições, que fariam referência às profecias do Antigo Testamento e anunciariam a pureza imaculada de Maria, cristalizando uma tipologia chamada *Tota Pulchra* (Sebastián, Monterrosa y Teran, 1995, p.60, n. 49). Os símbolos marianos seriam, então: o espelho, a cidade, o poço, a árvore, o lírio, o templo do Espírito Santo, a porta do céu, a roseira, a fonte, a palma, o jardim fechado, a torre ou fortaleza; e com o tema dos astros celestes, o sol (*Electa Ut Sol*; Cant. cant. 6, 9), a lua (*Pulchra Ut Luna*; Cant. cant. 6, 9), e a estrela (*Stella Maris*, Hino Litúrgico) (*Ibidem*, p. 60). Na sacristia de Vigia foram escolhidos emblemas que fazem alusão a Nossa Senhora como fonte da luz que ilumina o dia e a noite, marcando o ciclo do tempo: Jesus Cristo. O sol que afugenta as trevas de dia, a lua que dissipa a escuridão da noite, a estrela que indica a chegada da luz do dia, e aquela que indica com sua luz o caminho aos navegantes perdidos no mar [Figura 3]. Talvez a escolha das imagens seja motivada pela devoção à Nossa Senhora da Luz, titular da igreja jesuítica e do colégio de São Luís do Maranhão, primeira fundação da Companhia no antigo Estado do Maranhão e Grão Pará, da qual dependeram as outras casas ao longo do curso do Rio Amazonas.

Conforme Luís de Moura Sobral, um grande número de emblemas nas igrejas de Portugal eram dedicados à Virgem Maria, refletindo a importância da Mãe de Deus na crença católica em geral, e na portuguesa em particular; e na associação da emblemática Mariana ao *Cântico dos Cânticos*, *Tota Pulchra: Tota Pulchra Es Amica Mea Et Macula Non Est In Te* (Sobral 2008b, p.106).

Sobral também nos diz que, em torno do século XVII, dezenas, senão centenas, de tetos com caixotões de madeira (*cassoni*) são decorados com as imagens de Maria, de longo tempo relacionadas com as *Litaniae Lauretanae*, como é o caso de Vigia. De mais elaborada composição decorativa, como os da sacristia da igreja da Madre de Deus em Vigia, seriam os emblemas do teto da sacristia da igreja dos cistercienses em Bouro, próximo a Braga no norte de Portugal; que utiliza em sua decoração motes e motivos figurativos de proveniências diversas (Sobral 2008b, p.102). Sem o emprego de motes, com simples motivos marianos, no centro de festões, florões, *brutescos* e/ou grotescas; pintados em têmpera ou à óleo, diretamente na madeira, seriam os emblemas encontrados no teto em caixotões da sacristia da igreja jesuítica de São Roque em Lisboa, e também do santuário da igreja do colégio da Companhia em Funchal na Ilha da Madeira.⁴

Na igreja jesuítica de Nossa Senhora da Luz, em São Luís do Maranhão (atual Catedral), os arcos concêntricos do retábulo do altar-mor desenhado no século XVII pelo jesuíta luxemburguês João Felipe Bettendorff e entalhado por um português e por um índio do Maranhão,⁵ como antes citamos, também foram decorados com motivos marianos, entre eles o sol, a lua e a estrela [figura 4]. Os arcos concêntricos foram divididos em seis partes, cada qual destacando um símbolo associado à Maria. Estão nele retratados (da esquerda para a direita): a palma, o cálice, o sol, a lua, a estrela e a rosa.



Figura 4. Retábulo da antiga Igreja de Nossa Senhora da Luz, atual Catedral de São Luís do Maranhão. Arcos concêntricos ornados com emblemas marianos, entre eles, o sol, a lua e as estrelas. Desenho do jesuíta João Felipe Bettendorff. Entalhe de Manoel Mansos, português; e Francisco, índio do Maranhão. Século XVII (foto: R. Martins, 2008).

Em se tratando da pintura de tradição emblemática na decoração de espaços religiosos não jesuíticos no Pará, mais tardiamente (1774), na igreja do colégio de Santo Antônio de Lisboa em Belém, os franciscanos igualmente decoram o teto de sua sacristia com emblemas, mas desta vez estão emoldurados pela arquitetura pintada. São retratadas estrelas e a lua, e a personificação da fé com o mote *Fides & Silentium*, que encontramos correspondência em Andrea Alciati (*Fides Silentium*). O teto da sacristia franciscana

4. Nas antigas Missões Jesuíticas brasileiras, porém não com motivos marianos, mas com símbolos cristãos, podemos encontrar modelo semelhante ao de Lisboa e ao do Funchal (caixotões de madeira, ornados com motivos simples, sem motes, no centro de festões, motivos de flores retirados de tecidos, e *chinoiserie*), na sacristia jesuítica da Igreja de Nossa Senhora do Embu em São Paulo, antiga Aldeia de M'Boy Mirim. Também de simples composição, com um único emblema central contendo a palma do mártir, envolto por pinturas de *brutescos*, é a pintura do teto na capela lateral dedicada a Santo Alexandre, na Igreja dos Jesuítas em Belém.

5. Sobre o retábulo da igreja jesuítica de São Luís do Maranhão, ver Martins, R. M. de Almeida. (2009). *Tintas da Terra, Tintas do Reino: Arquitetura e Arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará, 1653-1759*. (tese de doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Luciano Migliaccio.

não parece fazer alusão diretamente a uma figura sacra como Cristo ou Nossa Senhora, mas dirige o seu ensinamento por imagens a ilustrar as virtudes indispensáveis à vida religiosa e à meditação teológica e mística. Virtudes relacionadas desta vez com o tema da noite e ao seu silêncio, a lua e as estrelas, e à fé como visão interior.

Considerações finais

São inúmeras as associações possíveis com o tema dos astros nas artes das missões jesuíticas na América. A representação do sol, da lua e das estrelas, como demonstraram Teresa Gisbert e Gauvin Bailey para a região dos Andes, é um tema que carrega mensagens significativas tanto para a cultura europeia cristã quanto para as culturas da América Latina pré-colombiana. Por esta razão foi amplamente utilizada pelos evangelizadores na obra de conversão das populações indígenas ao cristianismo. Foi muitas vezes através destas imagens de constelações, do sol e da lua, já existentes e significantes dentro da cosmologia andina, que os missionários incorporaram e fixaram temas cristãos.

Houve assim migrações de símbolos e de imagens, atravessando oceanos, através dos livros ilustrados e da cultura de tradição emblemática. Tais elementos foram reinterpretados, reelaborados, pintados e esculpidos por outras mãos, com outras técnicas e materiais, para então, nos Andes do período colonial, como também na Amazônia portuguesa ou em Córdoba na Argentina, decorarem de céu enluzado, estrelado e ensolarado, muitas igrejas da Companhia.

Bibliografia

- » Bailey, G. A. (2010). *The Andean Hybrid Baroque: Convergent Cultures in the Churches of Colonial Peru*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press.
- » Barbieri, S. (2003). *Empresas Sacras Jesuíticas*. Córdoba: Ediciones Fundación Centro.
- » Boschio, J. SJ. (1701). *De Arte Symbolica Sermones*. Augsburg: Johannes Caspar Bencard.
- » Daniel, J. SJ. (2004). *Thesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Rio de Janeiro / Belém do Pará: Editora Contraponto / Prefeitura de Belém.
- » Insolera, L. S. (2004). *L'Imago Primi Saeculi (1640) e il significato dell'immagine allegorica nella Compagnia di Gesù. Genesi e Fortuna del Libro*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana.
- » Pfeiffer, H. SJ. (2003). La Iconografía. In G. Sale S.J (Ed.). *Ignacio y el Arte de los Jesuitas*. Bilbao: Ediciones Mensajero.
- » Picinelli, F. (1997). *Los Cuerpos Celestes. Libro I, El Mundo Simbólico*. Michoacán, México: El Colegio de Michuacán.
- » Praz, M. (2005). *Imágenes del Barroco: Estudios de Emblemática*. Madrid: Siruela.
- » Sebastián, S., Monterrosa, M., Teran, J. A. (1995). *Iconografía del Arte del Siglo XVI en México*. Zacatecas, México: Editorial UAZ.
- » Sobral, L. de M. (2008a). The Emblem Book Collection of Diogo Barbosa Machado (1688-1772). In L. Gomes, (Ed.). *Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblematics*, v. 13. Glasgow: Glasgow Emblems Studies.
- » Sobral, L. de M. (2008b). *Occasio and Fortuna in Portuguese Art of the Renaissance and the Baroque: a Preliminary Investigation*. In L. Gomes (Ed.). *Mosaics of Meaning Studies in Portuguese Emblematics*. Glasgow: Glasgow Emblem Studies.